



## ENTREVISTA:

### **Homenagem à professora Regina Maria Varini Mutti**

Em Análise de Discurso estudamos como a linguagem funciona, como ela se movimenta, que sentidos circulam – compreender este movimento do sentido, que se constitui historicamente, é o papel do analista.

Nós todos aqui presentes, de graduados a pós-graduados, em algum momento de nossa caminhada acadêmica estudamos esta importante área do saber que é a Análise de Discurso – somos pesquisadores nesta área, ora trabalhando em Projetos de Pesquisa institucionais, ora defendendo nossas dissertações e teses sob este olhar. Neste ir-e-vir, fomos orientados por nossos professores em como interpretar este movimento que é a linguagem, formamos Grupos de Estudo com nossos colegas, escrevemos sobre este olhar – estudar o discurso passou a fazer parte de nossas vidas.

O Número Especial da Revista **Eventos Pedagógicos: introdução à Análise de Discurso** é um exemplo dos estudos realizados por professores e alunos, orientadores e orientandos nos trabalhos universitários. Durante as aulas do Curso de Especialização **Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa** começamos a pensar na organização de uma revista com publicações dos alunos, buscando incentivá-los a produzirem artigos e os publicarem. É nosso papel como professores fomentar a discussão acadêmica entre nossos alunos e orientandos, chamá-los ao mundo de seminários, congressos, conferências, exposições, colóquios... momentos que farão parte, também, de suas vidas profissionais.

Afinal, nós todos que hoje estamos professores – com nossas aulas, nossos orientandos, nossos livros a serem organizados – já fomos alunos, já estivemos nessa posição e já passamos por todos os medos e ‘senãos’ que é escrever sobre uma análise realizada. Mas todos nós sabemos, também, que o aluno de hoje se torna professor amanhã, e o professor, pela admiração e respeito de seus alunos, se faz orientador. Ser orientador não é uma escolha, é uma homenagem. E é o que nós, como professores e orientadores, desejamos aos nossos alunos: que eles também tenham essa experiência de ser orientador.

Em dezembro de 2011, durante a organização da Revista, decidimos prestar nossos agradecimentos a uma professora em especial, a professora Regina Maria Varini Mutti. Ela foi uma das primeiras professoras a estudar o discurso sob o olhar de Michel Pêcheux no Rio

Grande do Sul, difundindo a Análise de Discurso em aulas, palestras, orientações, livros – ora como professora, ora como convidada. Sua trajetória acadêmica começou na graduação em Letras (UFRGS) e continuou no mestrado e no doutorado em Linguística e Letras (PUC/RS); sempre pesquisando sobre discurso, texto, ensino, língua. O seu trabalho como professora na graduação e pós-graduação na Faculdade de Educação (UFRGS), grande centro formador de analistas em discurso, nos incentivou a caminhar por dentre noções de sujeito e de ideologia, sentidos e acontecimentos, e continua a incentivar o aluno iniciante a novas pesquisas, novas trajetórias discursivas – sendo sempre um alento para o pesquisador iniciante.

Nosso início na pesquisa acadêmica teve a presença desta professora, e é este tema que nos une neste momento: destacar a importância da orientação nos estudos discursivos. Para tanto, elaboramos uma pergunta apenas, mas intensa o suficiente para envolver todo o trajeto de uma iniciação em pesquisa, e convidamos amigos e pesquisadores a escreverem pequenos comentários sobre a pesquisa na área da Análise de Discurso.

Com a pergunta: **O que você destacaria sobre a AD que seja importante para um pesquisador iniciante saber?** – queremos homenagear a professora Regina por todo este caminho que percorremos. O que somos hoje, como profissionais e como pesquisadores em Análise de Discurso, muito se deve à orientação correta que ela exerceu sobre nós. Como pessoa e como profissional, todos nós temos admiração do trabalho por ela realizado.

**Cristinne Leus Tomé**

**Marleni Matte**

Resposta de: **Cláudia Landin Negreiros**

Doutoranda em Educação (PPGEdu/UFRGS)

UNEMAT - *Campus* Universitário de Barra do Bugres

Quando fomos convidados(as) pela professora Cristinne Leus Tomé para responder à pergunta na qual deveríamos destacar, sobre a AD, o que seria importante para nós, pesquisadores-iniciantes, saber, desde a sua formulação, essa questão já se mostrara difícil, pois em AD, assim como em qualquer outro campo teórico, não é tarefa simples elencar o que se considera como mais importante.

Contudo, pensando nas dúvidas, nos primeiros questionamentos, frente àquilo que é novo, que é desconhecido, acredito que a inquietude inicial, em minha opinião, refere-se ao

## **como aplicar os termos-chave da AD nas análises dos discursos a que nos propomos enquanto pesquisadores?**

Diante da dificuldade de responder a essa pergunta, penso, a princípio, que deveríamos saber, então, por onde começar e quais termos dessa teoria nos ajudariam a analisar tais discursos. Acredito que, seguir um caminho no qual deverá haver uma escolha por alguns termos, seria então o primeiro momento no percurso do pesquisador-iniciante. E, a partir desse primeiro passo, já seríamos levados a entender que em AD, na ligação de um termo a outro, não se pode apenas considerar a relação entre ambos, mas, essencialmente, a intersecção e a conexão entre eles.

Esse entendimento nos conduz a um outro, ou seja, concomitantemente a essa preocupação, existe também a ansiedade de descobrir, de compreender e de participar do universo dessa disciplina que se mostra instigante e, ao mesmo tempo, complexa para nós, pesquisadores-iniciantes.

Penso, enfim, que é a partir das escolhas, da minuciosa aplicação dos termos, das análises iniciais, da constituição do *corpus* é que começaríamos a nos surpreender com as descobertas em nossas pesquisas e, por meio desse exercício, já estaríamos nos filiando à AD, ou seja, um campo teórico que se abre para os diferentes campos do conhecimento; uma disciplina pela qual optamos e, a partir de então, não mais iniciantes, mas sim, analistas de discurso que buscam entender como os processos discursivos se articulam na linguagem e nos sentidos.

Resposta de: **Marleni Matte**

UFRGS – Servidora

Técnica em Assuntos Educacionais

Em meu trabalho sobre o uso das tecnologias na educação, foi bem rico estabelecer as análises sob a ótica da Análise de Discurso. Assim se produziu um estranhamento, saindo do lugar da evidência e buscando a história para auxiliar as reflexões. Os conceitos teóricos na Análise de Discurso são bem interligados. Destaco aqui dois que se unem na concepção de discurso: os conceitos de intradiscurso e de interdiscurso. O intradiscurso é definido como a materialidade que se lê, são as palavras organizadas em um enunciado, é aquele discurso que será analisado. O interdiscurso estabelece uma relação com a exterioridade, com o pré-construído, com a memória discursiva. Ou seja, para dar sentido, o analista apela para outros conhecimentos que já possui, para a memória do dizer, para os sentidos históricos.

Decorrendo daí, dizemos que a análise de um discurso remete a um batimento entre o intradiscurso e o interdiscurso. Os sentidos são precedentes às formulações de um discurso. Eles chegam da memória discursiva, circulando antes no interdiscurso. Num discurso temos o intra e o interdiscurso funcionando juntos. A partir dessa ideia, é possível perceber que não existe a neutralidade completa e absoluta do analista. A interpretação do analista de discurso também se constitui como um gesto de interpretação, ou seja a maneira singular como ele buscou a memória, o interdiscurso, para dar sentido em seu trabalho.

Resposta de: **Maria de Lourdes Fernandes Cauduro**

Mestre em Estudos da Linguagem - Instituto de Letras UFRGS

Doutora em Educação-FACED UFRGS

Destaco ser importante para o pesquisador iniciante em AD entender que a análise objetiva dar visibilidade aos acontecimentos materializados nas formas de linguagem. Como o dizer não é transparente nem uno, e é atravessado por vários dizeres, as formas linguísticas funcionam como pistas, são rastros do processo discursivo. É necessário, pois, uma ‘conversão do olhar’ do analista, seu gesto (ou gestos) de interpretação.

Resposta de: **Fabíola Ponzoni Balzan**

Doutoranda em Educação (PPGEdu/UFRGS)

Coordenadora do Curso de Pedagogia da

Faculdade Anglo-Americano de Caxias do Sul/RS

Professora da rede municipal de ensino de Caxias do Sul/RS

Tornar-me analista de discurso é, para mim, um desafio e um orgulho. Conquisto e, por querer, me deixo conquistar por essa complexa filiação teórica que está sempre a ser (re)construída. Tal movimento me fortalece e a cada análise revejo meus saberes de analista e isso me mobiliza aos novos estudos e às revisões. Operar com a produção de sentidos na prática de pesquisa implica conceber que a Ciência não é pronta e nem acabada. Dessa forma, marca-se a heterogeneidade e a mobilidade do referencial teórico. Destaco, para os iniciantes nas incursões discursivas (condição que também é minha), dois aspectos que (me)encantam: A) o que o próprio Pêcheux, em 1990, designou como Análise de Discurso – ‘disciplina de interpretação’ enfatizando, assim, que o sujeito pesquisador constitui seu lugar interpretando

referenciais e B) Pêcheux exige um leitor atento e que aceite ser desafiado por muitas inquietações. Em troca, há possibilidade da construção de uma das mais gratificantes aprendizagens do mundo acadêmico: revisar, rever, refazer o caminho do trabalho científico determinando, dessa forma, constante reposicionamento tanto de cientistas quanto de fazeres científicos.

Resposta de: **Ana Carrilho Romero Grunennvaldt**

UFMT – *Campus* Universitário de Sinop

Uma abordagem que traz elementos para pensar que linguagem está associada ao contexto de sua produção, que os seus significados tem implicações do lugar e do tempo em que são produzidos. Que há interações entre o que falamos comunicamos e o que deixamos de comunicar, mas que estes são elos da nossa expressão.

Resposta de: **Luize Sehn**

Formada em Pedagogia (UFRGS)

Especialização em Pedagogia da Arte (UFRGS)

Professora de Educação Infantil na EMEI Pequeno Polegar, Novo Hamburgo/RS

A Análise do Discurso possibilita o (a) pesquisador (a) iniciante valorizar os sujeitos focando em seus discursos, os quais constituem memória discursiva a ser registrada e revelada por esta linha de pesquisa. Trata-se, portanto, pesquisa qualitativa, na qual é de extrema importância os sujeitos e os seus discursos, nesse âmbito o (a) pesquisador (a) tem a liberdade de escolher quais sujeitos quer ouvir. Minha caminhada como pesquisadora iniciou em 2006 quando era bolsista de iniciação científica PIBIC-UFRGS, tendo por orientadora a prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regina Varini Mutti com a pesquisa intitulada **O discurso do professor no laboratório de informática** que teve como corpus entrevistas gravadas e transcritas de professores que utilizam a informática em sua prática pedagógica. Esta pesquisa resultou na identificação e registro de efeitos de sentidos que mostram a peculiaridade do processo de inclusão da tecnologia na prática de ensino. O professor interpreta o discurso de informática educacional, dando-lhe sentido. Logo, os professores estão, a partir de sua prática, construindo a sua história de ensinar, acolhendo a informática. A presença dos computadores no ensino está causando algumas renovações efetivas no trabalho do professor, como um desdobramento do

trabalho de ensinar, de modo heterogêneo. A tecnologia coloca desafios, o professor busca administrá-los e percebe-se uma articulação entre o saber de especialista e o saber de educador, num trabalho de concretização de novos sentidos na escola. Assim, uma nova memória pedagógica vem se construindo com o uso do laboratório, pois o professor está se tornando a sua experiência memorável.

Resposta de: **Tânia Pitombo de Oliveira**

UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop

Pensando a interpretação como parte fundante da relação do homem com a língua e com a história...

A análise de Discurso instaura uma diferença significativa no campo do saber mobilizando a noção de interpretação como um ‘gesto’ de leitura do espaço simbólico na relação com a historicidade do texto. A necessidade específica dos pesquisadores em relação à compreensão de realidades e a possibilidade de o aluno se colocar enquanto leitor/autor de textos e da/na história, encontram respaldo teórico-metodológico na perspectiva discursiva no modo como os sentidos são produzidos e circulam.

Resposta de: **Sandra Regina de Moura**

Graduanda no Curso de Pedagogia (FACED/UFRGS)

Bolsista de Iniciação Científica (PROPESQ/FAPERGS)

Bom para mim que estou engatinhando em meu primeiro ensaio de Análise de Discurso foi importante saber que são os sujeitos que produzem sentido, que o sentido não está preso no enunciado, nas palavras ditas ou escritas, mas é produzido pelos interlocutores, pois, na interlocução existe transmissão de sentidos entre interlocutores e não na transmissão de mensagens.

Também gostaria de destacar a importância de pertencer a um grupo que compartilha aprendizados... Os grupos de estudos da AD são pequenas famílias movidas pela paixão de aprendê-la.

Durante este pequeno período que participo do estudo da AD, os momentos mais especiais foram os estudos em grupo nas aulas da professora Regina Mutti que, com sua paixão e imensa sabedoria, não nutre distanciamentos, ao contrário, tem o poder de acolher e

integrar, criando uma simbiose, promovendo interação/integração entre os participantes de suas aulas. O efeito de sentido por mim interpretado aqui é o de cumplicidade.

Resposta de: **Cristinne Leus Tomé**

UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop

Destaco como importante ao pesquisador iniciante o constante estado de ‘estar em desafio’: as palavras que te provocam ao enfrentamento, os enunciados que afrontam, a possibilidade do outro a instigar-te. O pesquisador se desafia a compreender o ‘nó’ pechetiano da língua-história-sujeito – o discurso. Neste início para o analista discurso temos um grande desafio: entender que para a AD o discurso é uma prática – prática em que o sujeito se constitui selecionando sentidos na sua interlocução com o mundo. Trabalhamos com a noção de um sujeito histórico, afetado por esse mundo em que vive; um sujeito social, em que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos e que é a partir das práticas discursivas por onde este sujeito que se move que entendemos como a produção de sentidos que se estabelece.

Resposta de: **Neusa Inês Philippsen**

UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop

A Análise de Discurso, que surge no final da década de sessenta do século XX com Michel Pêcheux na França, em sua tese **Analyse Automatique du Discours**, apresenta o discurso como prática social e no espaço de entremeio reflexivo entre a história, a psicanálise e a linguística. Constitui-se a partir de então em um caminho teórico especializado para analisar construções ideológicas e contextuais presentes em um texto.

Cabe, dessa forma, a um pesquisador iniciante nessa área do saber discursivo compreender que todo discurso, longe de ser individual, é uma construção social tecida a partir de condições de produção e formações discursivas específicas. Nesse sentido, o contexto histórico-social é motriz para qualquer estudo que se pretenda em Análise de Discurso (AD) e sobre o qual deve se debruçar o analista para a compreensão da investigação científica desejada.

Vale salientar, também, que, para a realização de uma pesquisa em AD, todo pesquisador/analista se depara com diversas etapas, que se distribuem entre a apresentação e aprofundamento do aporte teórico, a definição da metodologia, a coleta de dados e,

finalmente, a análise dos dados; etapas essas que se não bem observadas e executadas podem fazer surgir obstáculos e dificuldades, os quais podem estar associados à falta de atenção e cuidados sobre a totalidade das etapas planejadas. Portanto, todo cuidado é pouco para que os efeitos de sentido suscitados em um *corpus* de análise não sejam apenas nuances de conteúdo que se evidenciam na materialidade discursiva, escapando-se ao olhar do analista os sentidos outros estabelecidos nas relações sociais e históricas.

Resposta de: **Marisa Rosani Abreu da Silveira**

UFPA - Instituto de Educação Matemática e Científica

A Análise de Discurso é muito importante para um pesquisador que pretende ser cauteloso ao se deparar com diferentes discursos e ao se interrogar da filiação do sujeito de um discurso; sua formação discursiva e sua formação ideológica. O significado das palavras proferidas pelo sujeito de um discurso está atrelado ao *corpus* discursivo que é analisado. Na análise, procura-se desvendar o sentido de tais palavras observando-se o contexto do sujeito enunciador. Nesse sentido, o conceito de discurso pré-construído é relevante para o pesquisador iniciante porque pode desmistificar alguns discursos que circulam no meio acadêmico que são tomados como verdades tácitas. Tal conceito serve como fonte de inspiração para colocar em suspeita os discursos prontos e acabados, pois todo o discurso ressoa como de parte do discurso de outro sujeito.

Outro motivo que destaco esse conceito é a importância que ele teve em minha pesquisa de mestrado. O conceito de discurso pré-construído foi um conceito chave para as análises das formulações discursivas dos sujeitos envolvidos no objeto de estudo dessa pesquisa, a saber: A interpretação da matemática na escola, no dizer dos alunos: ressonâncias do sentido de ‘dificuldade’.

O discurso pré-construído é aquele forjado no decorrer do tempo constituindo-se como memória discursiva. Não podemos identificar a origem de um discurso, o sujeito que proferiu a primeira palavra porque o pré-construído é ilocalizável, podemos identificar as marcas linguísticas que apontam para a sua construção histórica e sentidos que estão prontos. Essas marcas discursivas deixadas pelo sujeito denotam as filiações a uma determinada formação discursiva. O sujeito adere ao pré-construído sem grandes questionamentos do motivo dessa aderência, ele esquece que é porta-voz de discursos alheios. O discurso do sujeito se forma pela repetição, como ecos de palavras que não suas, de palavras de outro sujeito. Porém, essas

palavras, com o tempo e em posições diferentes de quem as enuncia, podem sofrer deslocamentos de sentidos.

Estudar e analisar os deslocamentos de sentido de palavras proferidas possibilita perceber e invocar mudanças em um discurso, porque o sujeito repete as palavras que ouviu de outro, mas as re-significa com palavras suas. A heterogeneidade discursiva aponta os sentidos atribuídos pelo sujeito e os sentidos de um outro sujeito que lhe constitui. Nesse sentido, analisar um discurso é interpretar os discursos alheios, outros discursos que não pertencem ao discurso analisado.

Como eu também sou porta-voz de discursos que não são meus, espero que neste pequeno texto tenha evocado de forma um tanto fiel a voz da querida Professora Regina Mutti, que muito me ensinou.

Resposta de: **Sandra Luzia Wrobel Straub**

UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop

Acredito que para o pesquisador iniciante é de fundamental importância que realize análises, aplicando desde o início do seu percurso discursivo, os conceitos de Análise de Discurso, na relação com a investigação para melhor apreender/compreender os conceitos estudados/refletidos.

Resposta de: **Cristina Py de Pinto Gomes Mairesse**

Psicóloga; Especialista em Educação Inclusiva (PUCRS)

Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS); Doutora em Educação (UFRGS)

Pós-doutoranda em Educação (UFRGS)

No transcurso do meu Doutorado, na Faculdade de Educação da UFRGS (1999-2003), conheci o grupo de pesquisa coordenado pela professora Dra. Regina V. Mutti. Comecei a frequentar as aulas e aos poucos fui constatando que para a análise das entrevistas que realizaria com professoras de turmas de progressão da escola por ciclos de formação, buscando conhecer a realidade da prática docente, tema da minha tese, fazia-se necessário analisar as falas produzidas pelas entrevistadas.

A Análise de Discurso apresenta conceitos como o de “sujeito produzido pela linguagem como estruturalmente clivado pelo inconsciente” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.

17), conceito fundamental para podermos entender os lapsos, as trocas sutis de palavras, que revelam significados outros, os quais eu tinha por intuito tentar compreender, a partir da psicanálise, referencial teórico que era a base conceitual da minha tese.

Pois, como salienta Pêcheux, referindo que por trás do real manifesto, existe um outro que afeta os sujeitos, mesmo sem ser verbalizado explicitamente. Estas ‘coisas’ não-conscientes podem ser reveladas, se for observada a forma como o sujeito constrói seu discurso. “Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PECHÊUX, 1997, p. 53). É nessa possibilidade de sentidos outros que fiz minha análise das formulações das professoras entrevistadas.

Outro conceito que acredito ser importante para a análise dos enunciados produzidos pelas educadoras é o de interdiscurso. O interdiscurso, tomado como uma memória discursiva, que o sujeito utiliza para dar significado a sua fala em determinado contexto no qual está inserido. Com isso, podemos perceber que o sujeito fica sob o jugo do inconsciente e do interdiscurso, que acabam influenciando a fala do enunciador (no meu caso, as professoras), sem que ele tenha o domínio sobre o seu dizer, cometendo ‘tropeços’. Esses tropeços me auxiliaram a compreender o que estava se constituindo em determinado contexto que eu desejava analisar.

Trago como exemplo, o emprego da palavra turma e grupo, usado por uma educadora. Quando ela conseguiu sentir segurança na sua nova turma, passou a utilizar no seu discurso a palavra grupo, em substituição à palavra turma:

Mas em vários momentos entravam outras pessoas para darem conta da turma (pausa) eu senti assim neles essa ansiedade, se ia estar lá no outro dia. É tu que vai estar lá amanhã? Então eu aos poucos fui conseguindo dar essa segurança para eles. Um dia após o outro. Quando eu senti o grupo assim (pausa) se sentindo grupo, porque foi o primeiro trabalho que eu fiz com eles, foi a questão do grupo, se escolherem para sentar junto, escolherem nomes pros grupos, escolherem com quem vão sentar, isso aí para mim acho que foi fundamental, para eles se perceberem como grupo...

A professora passou a utilizar a palavra grupo com o objetivo de marcar sua inserção na turma, buscando que eles fossem mais integrados e unidos como um grupo. As duas palavras apresentam o mesmo significado, quando tomamos por base o dicionário da língua portuguesa, mas uma análise mais minuciosa revelou outros sentidos, como o de uma maior vinculação da educadora aos alunos, com a substituição da palavra turma pela palavra grupo.

Acredito que esses dois conceitos, o de sujeito submetido a um inconsciente e o de interdiscurso foram os mais significativos para a análise das entrevistas das educadoras que foram sujeitos da minha pesquisa.

Resposta de: **Dóris Maria Luzzardi Fiss**

UFRGS/DEC/FACED – Professora Adjunta

‘Termos-chave da Análise de Discurso’, ‘descobertas’, ‘estranhamento’, ‘intradiscurso’, ‘interdiscurso’, ‘interpretação’, ‘produção de sentidos’, ‘heterogeneidade’, ‘conversão do olhar’. Eu acrescentaria: posições de sujeito, deslocamentos, autoria. Ser analista é se deslocar por entre muitas posições de sujeito tal como nós, colegas e amigas/os no trabalho com os sentidos, o fazemos neste texto, migrando de um lugar acadêmico-afetivo para outro e nos constituindo como parte dessa rede que estamos a tecer desde a posição de autoras. Migrando dos ‘termos-chave da AD’ mencionados por Cláudia para as ‘descobertas’, o ‘estranhamento’, o ‘intra’ e o ‘interdiscurso’, a ‘interpretação’ que surge nas palavras de Marleni. Daí deslizando para a ‘produção de sentidos’ e a ‘heterogeneidade’ surpreendidas por Fabíola. E pulando, como numa acrobacia, para a ‘conversão do olhar’ referida por Maria de Lourdes, apenas para continuar se deslocando, apenas para desafiar os sentidos fixos e os espaços logicamente estáveis a, também eles, se produzirem como estrutura e como acontecimento, como memória e como devir.

Ainda é preciso responder à pergunta proposta? Já não há indícios suficientes no que disse antes? Para o caso de o leitor não evidenciá-los, serei mais clara: de todas as lições da Análise de Discurso, a que me é mais cara é aquela que coloca o analista em permanente movimento, porque é neste movimento que os sujeitos se (re)fazem autores assim como se (des)territorializam os sentidos. Foi surpreendente descobrir, espalhada pelas muitas linhas lidas, pelos muitos discursos analisados, a possibilidade de compreender que o sujeito não é dono de seu dizer, ainda que se iluda sobre isto, como adverte o próprio Michel Pêcheux – uma ilusão necessária. Descobrir que o sujeito surge tão heterogêneo quanto os sentidos que ecoam dos discursos, portanto, não lhe servem designações que supõem a completude. O sujeito se constitui no seu próprio trânsito, assumindo diferentes posições e lugares. Todos estes elementos estão atados por alguns fios: a autoria em seus modos de manifestação, a divisão social do trabalho de autoria e de interpretação, as instâncias de autoria.

A autoria se vincula aos modos de interpretação dos sujeitos. Seria dizer que a condição de autor torna o sujeito responsável por um dizer/fazer que tenha sentido, que possa

ser interpretado. Nós, enquanto sujeitos, estamos condenados a significar, portanto, a fazer e a ter sentido. Portanto, a autoria se traduz como um movimento potencial e possível sempre para todo e qualquer sujeito que, portanto, é sempre autor. Pêcheux (1997, p. 53) destaca que “todo enunciado [...] é, pois, linguisticamente descritível como uma série [...] de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (grifo meu). Acrescentando depois que “é porque há o outro nas sociedades e na história, [...], que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar” (ibid., p. 54). Parece-me que, ao falar em “pontos de deriva possíveis” e no “outro” próprio ao discurso, o autor remete a movimentos, a deslocamentos, à constituição de sentidos outros. Portanto, a uma tomada de posição do sujeito em relação às suas próprias identificações com determinada formação discursiva e, por extensão, uma nova identificação com outra(s) formação(ões) discursiva(s). Ou, dito de outra maneira, o deslocamento de um lugar ou instância de autoria para outro/a a partir de um trabalho realizado sobre a própria autoria. Isto é, na “relação contraditória entre polissemia e paráfrase” (ORLANDI, 1996; ZOPPI-FONTANA, 1997) enquanto possibilidade de ligação, identificação e transferência com e de sentidos pelos sujeitos, e entre sentidos e sujeitos.

Autoria que se constitui enquanto “espaço cultural híbrido” (BHABHA, 1998) que surge contingente e disjuntivamente nas práticas dos sujeitos já que os próprios sujeitos também se constituem em espaços culturais híbridos que acionam movimentos múltiplos os quais evitam que “as identidades a cada extremidade se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 1998, p. 22). Dito de outra forma, é exatamente o hibridismo cultural, processo em que se evidenciam os deslocamentos e derivas dos sujeitos e dos sentidos, que desafia o acesso a uma “identidade original” ou a uma “tradição recebida”. Por conseguinte, a cultura opera diferentemente em um tal contexto e, por extensão, o sujeito evidencia um modo de funcionar ou operar nas bordas da cultura. Como lembra Bhabha, o “sujeito habita a borda intervalar da realidade” (BHABHA, 1998, p. 34), portanto, é (são) nessa(s) borda(s) que ele opera a partir da articulação de diferenças culturais, pois “o trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural” (ibid., p. 27), isto é, ato que refere uma posição sociopolítica relacionada a determinados processos de transferência e negociação de sentidos. De certa maneira, o cultural, aqui, parece articular-se aos sujeitos divididos e aos movimentos sociais diferenciados que mostram formas ambivalentes e

divididas de identificação, sendo o inter, o “entrelugar que carrega o fardo do significado da cultura” (ibid., p. 69) por não pronunciá-la a partir de tradições multiculturais que ainda propõem classificações sustentadas pela chamada diversidade de culturas, mas por reconhecer a insustentabilidade de classificações que permanecem em busca de culturas originárias, puras, negadoras do hibridismo que as constitui.

Da consideração de todos esses elementos, surge a percepção de que a autoria também se constitui enquanto processo atravessado pelo hibridismo cultural e pela heterogeneidade (AUTHIER-REVUZ, 1990a, 1990b, 1998). O que reivindica a consideração da autoria numa constelação de lugares de sentidos atravessados pelo registro do social, enfocando os modos pelos quais o sujeito-analista significa, do interior de sua prática, os sentidos e seus deslocamentos. E, além disso, exige que se pense nas posições assumidas, e não negadas, por este analista, que somos nós, que também está a se fazer a partir de uma constelação de lugares: o lugar do dizer, o lugar do analisar, o lugar do se deixar à deriva, o lugar do produzir gestos de interpretação, o lugar da estrutura, o lugar do acontecimento, o lugar da memória, o lugar de quem aprende sempre e, também, desaprende sempre, abrindo mão de sentidos fixos, garantias, certezas. Sujeito-analista que está fazendo história a partir dos muitos encontros protagonizados: encontros com outros sujeitos que participaram das pesquisas, encontros com colegas, encontros com alunos, encontros com discursos, encontros com memórias, encontros com amigos e, sobretudo, encontros de orientação com uma pessoa que nos conduziu por este caminho e, acompanhando nossos movimentos de oscilação entre tantas faltas e tantos desejos, nos ajudou a desenhar, no universo dos discursos, não somente a possibilidade de nos fazermos autoras, mas a necessidade de reconhecermos essa autoria como algo que não seria possível sem ela. Encontros com a Regina, que nos ‘condenou’ a significar da maneira mais branda, amorosa e competente: a maneira de quem, pacientemente, escuta como quem fala, desafia como quem acolhe e faz do discurso um motivo para a produção de gestos que, mais do que de interpretação, são de simpatia e reconhecimento do outro como aluno, aluna, amigo, amiga.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. **A não-coincidência interlocutiva e seus reflexos meta-enunciativos (La non-coïncidence interlocutive et ses reflets méta-énonciatifs)**. Trad. por Alberto Oliveira. 1990a. Texto digitado. 15 pp.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, (19): 25-42, jul./dez. 1990b.

\_\_\_\_\_. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do “outro” no discurso (Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours).** Trad. por Alda Scher e Elsa Maria Nitsche-Ortiz. 1998. Texto digitado. 72 pp.

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** Trad. por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. (Coleção Humanitas).

FONTANA, M. G. Z. **Leitura, silêncio e memória.** Texto digitado. Palestra ministrada no Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino, Universidade Católica de Pelotas, 30 de setembro de 1997. 15 p.

ORLANDI, E. P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. De Eni. P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.